

A 'AUDIÇÃO MUSICAL' COMO EXPERIÊNCIA TERAPÊUTICA E IMUNOGÊNICA: EVIDÊNCIAS E PESQUISAS¹

THE 'MUSICAL LISTENING' AS A THERAPEUTIC AND IMMUNOGENIC EXPERIENCE: EVIDENCES AND RESEARCHES

Lia Rejane Mendes Barcellos²

INTRODUÇÃO

A música tem um poder que, embora invisível, pode ser fortemente sentido e experimentado. No entanto, dificilmente pode ser demonstrado empiricamente (na prática). Os seus vários empregos são resultantes da utilização de estratégias amplas através das quais se pode mobilizar emoções e sentimentos, relaxar ou desencadear tensão e os musicoterapeutas desenvolvem seu trabalho a partir de evidências que demonstram que a música pode influenciar fatores como atenção, concentração, memória e cognição.

Contudo, a música tem um papel ativo não só no âmbito individual, mas pode ser considerada, também, um elemento de extrema importância na formação social, na visão da socióloga britânica Tia DeNora (2000), que tem incursões na musicoterapia através do trabalho do musicoterapeuta norueguês Even Ruud. Esta compreensão do papel da música em musicoterapia, pode ser considerada como sendo um “critério ampliado” – termo muito utilizado na medicina que aqui nos é útil para justificar esse emprego. Para DeNora,

¹ Palestra proferida no XVII ENPEMT - Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. IX ENEMT - Encontro Nacional de Estudantes de Musicoterapia. Goiânia, outubro, 2017.

² Doutora em Música (UNIRIO); Mestre em Musicologia (CBM-CeU - RJ); Especialista em Musicologia; Especialista em Educação Musical (CBM-CeU - RJ). Graduada em Musicoterapia (CBM-CeU); Graduada em Piano (AMLF-RJ). Coordenadora e profa. da Pós-graduação e profa. do Bacharelado em Musicoterapia (CBM-CeU). Fundadora da Clínica Social de Musicoterapia Ronaldo Millecco (CBM-CeU). Professora convidada de vários Cursos de Pós-graduação do Brasil. Musicoterapeuta pesquisadora convidada da UFRJ-ME. Autora de livros sobre musicoterapia, capítulos de livros nos Estados Unidos e Colômbia, e artigos publicados na Alemanha, Argentina, Brasil, Espanha, França, Estados Unidos e Noruega. Membro do Conselho Diretor da *World Federation of Music Therapy* e Coordenadora da Comissão de Prática Clínica por dois mandatos. Parecerista e Editora para a América do Sul da Revista Eletrônica *Voices* (Noruega) de 2001 a 2015. Ex-Membro do Conselho Diretor da *WFMT* por dois mandatos.

A música pode, em outras palavras, ser invocada como aliada para uma variedade de atividades mundiais, é um espaço de trabalho para a atividade semiótica e um recurso para fazer, ser e nomear os aspectos da realidade social, incluindo as realidades da subjetividade e do *self*. (DeNora, 2000, p. 40)

Ou seja, a música, em geral, está presente em atividades realizadas em qualquer lugar do mundo como em competições de várias modalidades esportivas, por exemplo, e pode ter resultados da sua utilização tanto no âmbito individual como no coletivo ou sócio-cultural.

As neurociências comprovam o poder da música e validam o seu emprego em diversas áreas, incluindo a musicoterapia. No entanto, pesquisas realizadas para uma melhor compreensão de como as pessoas, nas sociedades contemporâneas, podem utilizá-la na vida diária, fora de espaços terapêuticos, com o objetivo de melhorar a saúde e o bem-estar (DeNora, 2000; Ruud, 2002; 2008; 2010 e 2013).

Os achados resultantes dessas pesquisas sugerem que são muitas as atividades musicais que podem contribuir para o bem estar das pessoas. Tem-se como exemplo atividades como cantar individualmente, participar em coro, dançar, recriar música já composta anteriormente, cantando ou tocando, ou, ainda, fazer parte do ambiente cultural da sociedade, como por exemplo, participar de uma roda de samba!

Na musicoterapia, também são várias as experiências musicais que são utilizadas pelos pacientes, e as técnicas que o musicoterapeuta emprega, como: a audição musical, a recriação musical, a improvisação e também a composição musical, como todos nós, musicoterapeutas qualificados, sabemos. No entanto, neste trabalho, somente a 'audição musical' será objeto de estudo em duas situações distintas: quando proposta aos nossos pacientes por nós musicoterapeutas, nas nossas práticas clínicas, com um objetivo terapêutico, ou quando a utilizamos como pessoas que fazemos parte de uma sociedade: em nossas casas, no metrô, nas ruas, ou, hoje em dia, em qualquer espaço, atividade facilitada pelo desenvolvimento da tecnologia, sem objetivos terapêuticos, mas com efeitos que podem ser dessa natureza (sem ser terapia).

Num texto escrito em 1979 e publicado no *Caderno de Musicoterapia n. 4* (BARCELLOS, 1999³, p. 44), onde se trata das ‘Etapas do Processo Musicoterapêutico’, desde a Entrevista inicial até a Alta, ou do encaminhamento do paciente a outro tipo de terapia ou atividade, apresenta-se um quadro que considera exatamente essa questão. Em musicoterapia, o objetivo precípua é fazer terapia, como o próprio nome indica. Assim sendo, a música é utilizada especificamente com objetivos terapêuticos. No entanto, em outras atividades musicais que incluem a ‘audição musical’, não discriminada no quadro abaixo, a música pode vir a ter efeitos terapêuticos, embora o objetivo dessas atividades não seja de se fazer terapia.

A música com ‘objetivos terapêuticos’ em musicoterapia e provocando ‘efeitos terapêuticos’ em outras atividades

	Utiliza(m) música?	Pode(m) vir a ter efeitos Terapêuticos?	Têm objetivos terapêuticos?
Atividades musicais	+	+	-
Educação musical	+	+	-
Aprendizagem de um instrumento musical	+	+	-
Musicoterapia	+	+	+

- Barcellos, L. R. M. *Cadernos de Musicoterapia n. 4*. (Etapas do Processo Musicoterapêutico). Rio de Janeiro: Enelivros, 1999, p. 44.
 - Barcellos, L. R. M. *Quaternos de Musicoterapia e Coda*. Dallas (TX): Barcelona Publishers, 2016, p. 209.

Lia Rejane Mendes Barcellos

³ E nos *Quaternos de Musicoterapia*, que reúne os Quatro Cadernos, revisados, ampliados, e publicados em 2016 (p. 209) pela Barcelona Publishers.

A 'Psicologia da Saúde', área que vem crescendo ultimamente, liderada pela psicóloga britânica Jane Ogden (2007), estuda os comportamentos relacionados à saúde, ou denominados "comportamentos imunogênicos" (MATARAZZO, 1984, citado por OGDEN, 2007, p. 14). Estes comportamentos são entendidos como aqueles que podem 'proteger e fortalecer a saúde', tais como: fazer exercícios, não beber, não fumar e ter hábitos saudáveis.

Para Ruud (2013, p. 2), na medicina ou imunologia, um imunógeno "é um tipo específico de antígeno⁴, ou uma substância que é capaz de provocar uma resposta imune adaptativa". Na Psicologia da Saúde, um "comportamento imunogênico" deve ser entendido num sentido metafórico, como uma forma de comportamento protetor, oposto a um comportamento patogênico ou um comportamento prejudicial, que danifica a saúde ou que produz doença, como fumar ou beber em excesso, ou que pode vir a colocar a saúde em risco (como dirigir sem cinto de segurança, por exemplo).

Em relação a esses "comportamentos imunogênicos"⁵, e considerando o poder da música – e sua força e contribuição para manter a saúde – Ruud passa a entendê-la como "uma forma de imunogênese cultural" (2013, p. 2). Segundo o autor, a imunogênese "implica em lidar com artefatos culturais ou expressões artísticas dentro do contexto de saúde" (ibid., p. 2), aqui tratando-se de atividades musicais como a 'audição musical', hoje facilitada pelo desenvolvimento tecnológico.

Uma análise mais profunda da 'audição musical' aponta fatores que podem contribuir tanto para novas formas de emprego em espaços clínicos, por musicoterapeutas qualificados, como para que esta possa ser considerada uma "atividade imunogênica", vivenciada em atividades cotidianas, em vários espaços. Esta utilização pode ser entendida como o conceito de *musicking* do músico neozelandês Christopher Small⁶ que declara que "mesmo que este termo não

⁴ Um antígeno é uma substância que ativa o sistema imunológico, liga-se a anticorpos e inicia uma resposta imune, ou seja, fortalece o sistema imunológico.

⁵ Na Psicologia da Saúde, metaforicamente, uma forma de comportamento protetor oposto a um comportamento patogênico, prejudicial, que danifica a saúde (fumar ou beber em excesso) ou que pode vir a danificar (dirigir sem cinto de segurança).

⁶ Christopher Small: músico, educador, professor e autor de vários livros e artigos no campo da musicologia, sociologia e etnomusicologia. Ele cunhou o termo *musicking* (1998), que vê a música como um *processo* (verbo = *musicar*) ou uma experiência e não como um *object* (substantivo). Em 1995, antes, portanto, de Small, David Elliot cunhou um termo próximo *musicing*,

faça parte de nenhum dicionário é uma ferramenta conceitual muito útil para ser assim utilizada” (1998, p. 9).

Musicking, ou *musicar*, é participar, em qualquer dimensão, de uma apresentação musical seja pela realização, **escuta**, ensaiando ou praticando, fornecendo material para composição, dança, a audição de um *walkman* até o ato de se cantar no chuveiro. O conceito propõe a música como um verbo, como se vê, para Small a música não é uma coisa mas, sim, uma **experiência** que engloba toda atividade musical, principalmente a ‘audição musical’, hoje possível mesmo dentro de uma piscina, possibilitada pelas novas tecnologias⁷.

Para o musicoterapeuta, também norueguês, Brynjulf Stige, Small se refere ao *musicking* como sendo uma atividade “na qual todos aqueles que dela participam, compartilham a responsabilidade das suas características e qualidades” (2003, p. 166).

REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A ‘AUDIÇÃO MUSICAL’

Como o centro do trabalho é a ‘audição musical’, uma revisão de literatura buscou as obras que se referem a esta experiência, em primeiro lugar, como **elemento terapêutico**, em espaços onde tanto a ‘**musicoterapia interativa**’ (Barcellos, 1984) quanto a **musicoterapia receptiva** são praticadas e, também, obras que se referem à ‘**audição musical**’ como elemento imunogênico, fora dos espaços terapêuticos, tendo-se, assim, três segmentos de busca.

A ‘audição musical’ como experiência empregada na **musicoterapia ativa**⁸ (à época assim denominada) onde também o paciente está ativo no processo de fazer música e onde se busca resultados terapêuticos, aparece na literatura desde a conhecida e importante fonte primária escrita por Ewerett Thayer Gaston, (1968), e segue tendo representantes como Kenneth Bruscia (1989, 2000,

que tem a mesma concepção do de Small e no qual este deve ter se inspirado. No entanto, aqui está sendo utilizado o de Small porque o de Elliot não inclui a ‘audição musical’ como uma das atividades e este artigo se refere exclusivamente a esta experiência musical.

⁷ Pensando nessa questão, foi lançado o aparelho *iSplash Floating Speaker*, um alto-falante à prova d’água que boia na superfície da piscina. Através de *bluetooth*, ele se conecta a dispositivos que estiverem a até 10 metros de distância.

⁸ Denominada por Barcellos de Musicoterapia Interativa (1984)

2016) e muitos outros autores que têm tido a ‘audição musical’ como objeto de estudos e publicação.

Com relação à ‘audição musical’ quando empregada na **musicoterapia receptiva** a literatura é vasta e vem encabeçada pela criadora do *Bonny Method of Guided Imagery and Music* – BMGIM⁹, a musicoterapeuta norte-americana Helen Bonny, que começa escrevendo três Monografias(1978a, 1978b, 1980). Bonny teve muitos seguidores e muitas obras importantes foram escritas por musicoterapeutas como Lisa Summer, (1990) e Bruscia & Grocke, (2002), para citar apenas alguns, todos com formação no Método.

No que concerne aos estudos sobre a ‘audição musical’ **fora de espaços terapêuticos**, que apresentam essa experiência como um elemento imunológico, aparecem prioritariamente os de DeNora (2000), Even Ruud (2002, 2008, 2010 e 2013), e de outros autores, encontrados em sites de busca mas, em número reduzido em inglês, visto que da Noruega, que parece ser o grande polo de estudo, vem a maioria dos artigos escritos sobre o tema, mas em norueguês.

Ainda se tem estudos sobre a escuta musical na área de neurociências, como os de Stefan Koelsch¹⁰, (2009), sobre *Uma perspectiva Neurocientífica sobre Musicoterapia*, por exemplo, que são de extrema importância por trazerem evidências de que a ‘audição musical’ “ativa uma multitude de estruturas cerebrais envolvidas no processamento cognitivo, sensoriomotor, e processamento emocional” (p. 374).

Como se pode constatar, a bibliografia aponta para muitos estudos que se referem à ‘audição musical’ utilizada como elemento terapêutico tanto na musicoterapia interativa como na receptiva e, ainda, sobre essa experiência como elemento imunogênico.

SOBRE A AUDIÇÃO MUSICAL NA MUSICOTERAPIA

A audição de música é utilizada como experiência musical nas duas principais formas de aplicação da musicoterapia: a receptiva e a interativa, como já

⁹ Método Bonny de Imagens Guiadas e Música.

¹⁰ O autor publicou um livro intitulado *Brain & Music*, em 2013.

assinalado anteriormente. Na “musicoterapia receptiva” é, às vezes, empregada prioritariamente como experiência musical¹¹ e como técnica, como no BMGIM – (Bonny Method of Guided Imagery and Music). No GIM, a ‘audição musical’ tem o papel de aprofundar os “estados incomuns de consciência”¹², e “estimular as imagens” (SUMMER, 1990, p. 4), objetivos que não são pretendidos na ‘musicoterapia interativa’, nem em determinados contextos da receptiva. Mas, deve-se sinalizar que no GIM, as músicas foram **selecionadas criteriosamente**¹³ pela criadora do método.

Já na “musicoterapia interativa”, em geral, a ‘audição musical’ pode ser solicitada pelo paciente ou proposta pelo musicoterapeuta, em determinados momentos, e tocada por este ou veiculada por meios eletro-eletrônicos.

E aqui está, na minha opinião, um dos grandes problemas da utilização da ‘audição musical’ no espaço terapêutico (que parece ser a forma mais fácil de emprego da musicoterapia): o fato de os musicoterapeutas nem sempre terem **critérios de escolha** para as músicas, quando por eles selecionadas.

Outra forma de emprego da ‘audição musical’ foi criada na Maternidade Escola (UFRJ), para ser utilizada com mulheres grávidas de alto risco, internadas em enfermaria, tendo por objetivos: a suspensão da ansiedade e relaxamento, isto é, com um objetivo oposto ao do GIM que pretende dar movimento ao psiquismo e, também, distinto do da musicoterapia interativa, onde muitas vezes o paciente pede uma música para ser escutada naquele momento. Para esse emprego na Maternidade Escola, as músicas foram pré-selecionadas a partir de uma análise musical e foi criada uma metodologia para tal.

Para esta clínica foi criado por Martha N. de S. Vianna, (2015), e nomeado em 2017, um modelo específico de atendimento – o “Modelo Clínico Bipartite” –, que será apresentado neste evento e Modelo que estou utilizando agora no Centro Municipal de Saúde (‘Clínica da Família’ da Prefeitura do Rio de Ja-

¹¹ Em alguns momentos do emprego do GIM pode-se utilizar, excepcionalmente, a improvisação musical no final da sessão.

¹² Denominados, algumas vezes, inapropriadamente, por “estados alterados de consciência”, o que soa como estados de consciência patológicos, o que não é o caso.

¹³ “Músicas selecionadas criteriosamente” refere-se a como foram escolhidas para serem utilizadas: foi feito um estudo de análise musical e experiências com pacientes. Na formação de terapeutas no Método, ministrado por Kenneth Bruscia, o segundo módulo foi inteiramente sobre análise musical das músicas aí utilizadas. Mas, sabe-se que nem todas as formações no Método utilizam a análise musical para fundamentar o emprego de cada música.

neiro), no trabalho: **A musicoterapia aplicada nos 'Estados de Climatério e Menopausa'**¹⁴, que desenvolve como musicoterapeuta voluntária, com dois estagiários de musicoterapia, uma médica do próprio Centro e um Bel. em música, ambos alunos da Pós-graduação do CBM.

Considera-se que qualquer que seja o objetivo da utilização da audição musical, deve haver um cuidado e critérios para escolha das músicas a serem utilizadas, a menos que o paciente peça para escutar naquele momento, não havendo, evidentemente, possibilidade dessa análise. O que deve ser analisado evidentemente, é o que é escolhido pelo musicoterapeuta, quando há uma escolha prévia.

E, para isto seria importante termos em nossos cursos uma disciplina sobre "Música em Musicoterapia" que abarque minimamente aulas de 'análise musical', para que o futuro musicoterapeuta possa conhecer as possibilidades da música em afetar/influenciar o ser humano. Fica a sugestão.

Só depois de meus estudos de harmonia, os realizados no GIM e no mestrado, cuja dissertação foi sobre "A importância da análise do tecido musical para a musicoterapia" (1999), e de meus estudos ainda sobre análise musical no doutorado, consegui entender a verdadeira potência da música.

A AUDIÇÃO MUSICAL EM OUTRAS ATIVIDADES

Já na 'audição musical' utilizada em atividades não terapêuticas, as músicas são escolhidas pelos ouvintes a partir de suas preferências, e com o objetivo de lazer, podendo, no entanto, ter um resultado terapêutico, mesmo sem se tratar de uma terapia, mas funcionando como promotora de saúde ou como um elemento imunogênico, objeto de estudo do musicoterapeuta pesquisador Antonio Carlos Lino, que será apresentado neste evento.

¹⁴ Com a médica Dra. Maria Thereza Imbroisi (Centro Municipal de Saúde – CBM-CeU) e o Bel. em Música Yuri Machado Ribas (CBM-CeU)

METODOLOGIA

Tendo-se por objetivo discorrer sobre o emprego da ‘audição musical’ como experiência terapêutica e imunogênica, é importante que esta utilização seja ilustrada. Para isto, serão aqui iluminadas, parcialmente, estas duas pesquisas brasileiras realizadas, respectivamente, em um espaço terapêutico e em um espaço onde trabalhadores ouvem música enquanto trabalham, ou seja, um espaço que não é terapêutico e também não tem um musicoterapeuta.

A primeira pesquisa, de autoria da Mt. Martha Negreiros de Sampaio Vianna et. al.(2015), foi realizada em uma enfermaria de um hospital público, com mulheres grávidas (Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro). A segunda, feita pelo também musicoterapeuta Antonio Carlos Lino (2017), foi realizada com trabalhadores do Centro de Pesquisas Leopoldo Américo Miguez de Mello (CENPES – Petrobras), que é um órgão da Petrobras, cujos profissionais que aí trabalham são lotados na gerência de Pesquisa e Desenvolvimento em Engenharia de Produção de Petróleo(PDEP) e “que devem ser objetivos, atentos e criativos” nas palavras do pesquisador (Lino, 2017, p. 1).

A escolha destas duas pesquisas para ilustrar o emprego da ‘audição musical’ se deveu à minha participação em ambas: na primeira delas, em todos os momentos de sua realização e, na segunda, como orientadora. É importante reafirmar que as duas serão objeto de comunicação neste evento.

A apresentação de alguns parâmetros de cada uma das pesquisas pode permitir a comparação e ilustrar tanto diferenças como similaridades entre eles, além de, evidentemente, possibilitar a discussão do aspecto que se apresenta como centro desta palestra: a ‘audição musical’.

Os parâmetros comparados são: o **espaço** onde cada uma das pesquisas foi realizada; o **número de integrantes**; o **sexo** dos mesmos; as **idades**; as **condições de saúde** de cada grupo e a **atividade realizada**, evidentemente a ‘audição musical’, único aspecto comum entre as duas. Estes foram agrupados em um quadro para melhor serem comparados:

Quadro 1: Diferenças / Similaridades

Sobre as pesquisas						
	Espaço	Nº de integrantes	Sexo	Idade	Condições de saúde	Atividade
Pesq. I Musicoterapia	Enfermaria de hospital público	20	F	18 a 40 anos	Gestantes de alto risco	Audição musical na Musicoterapia
Pesq. II Espaço de trabalho	Centro de Pesquisa de Companhia de Petróleo	7	misto	26 a 65 anos	Sem patologia	Audição musical durante as atividades laborais

Quadro 2

Sobre a Audição Musical				
	Músicas escolhidas por quem?	Gêneros	Escolha	Forma de audição
Grupo I objetivos terapêuticos	Pelos musicoterapeutas	Música erudita	Músicas pré-selecionadas a partir de estudo de análise musical	Em campo livre
Grupo II	Auto seleção pelos trabalhadores	Todos os gêneros	Músicas preferidas	Com fones de ouvido

DISCUSSÃO

A **Pesquisa I** (Quadro 1), de musicoterapia – foi realizada com **20 gestantes, internadas em uma enfermaria de um hospital público, com idades cronológicas de 18 a 40 anos e idades gestacionais distintas, pacientes de alto risco**, submetidas a todo tipo de situação ansiogênica e, também, a **diversos tipos de terapia, incluindo a musicoterapia**, para a qual foi criado o *Modelo Clínico Bipartite*¹⁵

¹⁵ O *Modelo Clínico Bipartite* foi criado em 16/5/2012 e nomeado em 6/6/2017, por Vianna, M. N. de S..

(VIANNA, M. N. de S., 2012)¹⁶. Neste modelo, um dos momentos é de musicoterapia receptiva, como poderá ser constatado na comunicação de Vianna e Barcellos neste evento, tendo-se músicas eruditas escolhidas pelos musicoterapeutas, antecipadamente, a partir de alguns critérios estabelecidos, como já referido.

É desnecessário assinalar que o objetivo da ‘audição musical’ com as mulheres grávidas no hospital público eraterapêutico. Nesse espaço, também a ‘musicoterapia interativa’ era praticada, com músicas escolhidas e cantadas pelas pacientes para se expressarem, o que será apresentado na comunicação de Vianna e Barcellos.

Já a **Pesquisa II**, (Quadro 1), foi realizada com sete empregados da área de Pesquisa e Desenvolvimento em Engenharia de Produção de Petróleo (homens e mulheres), no **Centro de Pesquisas e Desenvolvimento de Petróleo - CENPES** (Petrobras), com **idades de 26 a 65 anos, sem patologia**, onde a ‘audição musical’ é utilizada durante o trabalho, por vontade **dos próprios trabalhadores**.

Essa atividade é escolhida e desejada por eles e não se trata de uma atividade terapêutica mas, sim, de algo que pode vir a ter um “efeito terapêutico” (BARCELLOS, 1999, p. 44) como mostram os resultados obtidos, evidências de que a audição musical aqui se configura como uma “atividade imunogênica”, a ser constatado na apresentação da pesquisa neste evento, pelo Mt. Antonio Carlos Lino.

Como se pode verificar, nos dois quadros anteriormente apresentados, todos os aspectos avaliados nas duas pesquisas apresentaram diferenças: o **número e sexo dos participantes; a média de idade; o espaço e as condições de saúde**. O único aspecto coincidente foi a **utilização da ‘audição musical’**.

No entanto, no Quadro 2, que analisa o emprego da ‘audição musical’, pode-se verificar que todos os aspectos do emprego desta apresentam diferenças: as duas formas de audição foram separadas pelo espaço e pelo tempo e, os objetivos, a seleção das músicas, a forma de aplicação e de audição, e os tipos de músicas escutadas foram distintos.

¹⁶ Além da musicoterapeuta chefe do Setor de Musicoterapia: VIANNA, M. N. de S., a equipe de musicoterapeutas era formada por CARVALHAES, A. S., também do Setor de Musicoterapia da ME-UFRJ; COSTA, C. M., e BARCELLOS L. R. M, sendo Costa como musicoterapeuta convidada e Barcellos como pesquisadora convidada a partir de um Convênio firmado entre o Conservatório Brasileiro de Música e a ME da UFRJ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se quis aqui comparar foi o emprego da ‘audição musical’, em espaços distintos, cujos resultados apontam para a importância dos contextos onde foi utilizada, e com objetivos e efeitos diferentes: **como terapia**, na primeira delas, conduzida por musicoterapeutas que utilizam a ‘audição musical’ com pacientes, com música erudita pré-selecionada por eles, na **promoção de saúde** – caracterizando o “musicking” – sem a presença do musicoterapeuta, e com a audição de músicas de todos os gêneros, escolhidas e ouvidas por empregados durante as atividades laborais. Os resultados evidenciam a importância dos dois empregos e corroboram, principalmente, a ‘audição musical’ utilizada como elemento imunogênico.

Sabe-se que a clínica é o centro da musicoterapia. Tudo que estudamos é para atuar melhor como musicoterapeutas clínicos. A pesquisa está a serviço da clínica, e da teoria, e nos ajuda nessa atuação e na compreensão desta ou, daquilo que aí acontece.

Para finalizar, cabe enfatizar que só a música utilizada por um musicoterapeuta qualificado se configura como musicoterapia. No entanto, o que se quer aqui evidenciar é que a música que as pessoas utilizam nos seus aparelhos e que escutam no ambiente de trabalho, nos meios de transporte ou em qualquer outro espaço, embora não seja considerada como terapia, pode ter um **resultado terapêutico**, isto é, ser um elemento produtor de saúde ou, na terminologia utilizada por Ruud, ser uma ‘atividade imunogênica’ ou ter funções imunogênicas.

REFERÊNCIAS

AIGEN, K. An aesthetic foundation of clinical theory: an underlying basis of creative music therapy. In C. Kenny (Ed.), *Listening, playing, creating: Essays on the power of sound*(pp. 233–257). Albany, NY: State University of New York, 1995.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Qu’ est-ce que c’est la musique en musicothérapie. *La Revue de Musicothérapie*. Paris, v. IV, n. 4, 1984, p. 37- 48.

_____. *Cadernos de Musicoterapia*, n. 4. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999a.

Revista Brasileira de Musicoterapia - Ano XIX - ED. ESPECIAL - ANO 2017
BARCELLOS, L. R. M. A ‘audição musical’ como experiência terapêutica e imunogênica: evidências e pesquisas. (p. 282-295)

_____. *A importância da Análise do Tecido Musical para a Musicoterapia*. 1999. 140 f. Dissertação (Mestrado em Musicologia). Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CBM-CeU). Rio de Janeiro, 1999b.

_____. *Quaternos de Musicoterapiae Coda*. Dallas (TX): Barcelona Publishers, 2016.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes; IMBROISI, Maria Thereza; RIBAS, Yuri Machado; *A musicoterapia aplicada nos “Estados de Climatério e Menopausa”*. Projeto apresentado ao Centro Municipal de Saúde D. Helder Câmara. Rio de Janeiro, 2017.

BONNY, Helen. *Facilitating Guided Imagery and Music Sessions*. GIM Monograph #1. Maryland. ICM Books. 1978a.

_____. *The Role of Taped Music Programs in the Guided Imagery and Music Process: Theory and Product*. GIM Monograph #2. Maryland. ICM Books. 1978b.

_____. *GIM Therapy. Past Present and Future Implications*. GIM Monograph #3. Maryland. ICM Books. 1980.

BRUSCIA, Kenneth. *Defining Music Therapy*. SpringCity: Spring House Books, 1989.

_____. *Definindo Musicoterapia*. 2ª. ed. Trad. Mariza Fernández Conde. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

_____. *Definindo Musicoterapia*. 3ª edição. Trad. Marcus Leopoldino. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

BRUSCIA, Kenneth E. & GROCKE, Denise E. *Guided Imagery and Music: The Bonny Method and Beyond*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2002.

De NORA, Tia. *Music in Everyday Life*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

GASTON, Everett Thayer et al. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1968.

KOELSCH, Stefan. A Neuroscientific Perspective on Music Therapy. *The Neurosciences and Music III – Disorders and Plasticity*: Ann. N.Y. Acad. Sci. 1169: 374-384, 2009.

LINO, Antonio Carlos; BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *A Audição Musical nas Atividades Laborais e suas Possíveis Contribuições para a Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Conservatório Brasileiro de Música. Relatório Final. Junho, 2017.

OGDEN, Jane. *Health Psychology*. 4ª ed. Berkshire: McGraw-Hill. Open University Press, 2007.

RUUD, Even. Music as a Technology of Health. In I. M. Hanken et. al (Eds.), Research in and for Higher Music Education. *Festschrift for Harald Jørgensen*. Oslo: Norwegian Academy of Music 2002:2.

_____. Music in Therapy: Increasing possibilities for action. *Music and Arts in Action*. Volume 1. Issue 1, June, 2008.

_____. *Music Therapy: a perspective from the humanities*. Gilsum: Barcelona Publishers, 2010.

_____. *Can Music Serve as a "Cultural Immunogen"?* An explorative study. *Int J Qual Stud Health Well-being*. 2013; 8: 10.3402/qhw.v8i0.20597. Published online 2013 Aug 7. doi: 10.3402/qhw.v8i0.20597PMCID: PMC3740498. Acesso em 5/7/2017.

SMALL, C. *Musicking. The Meanings of Performing and Listening*. London: Wesleyan University Press, 1998.

STIGE, Brynjulf. *Elaborations toward a Notion of Community Music Therapy*. Faculty of Arts. University of Oslo. 2003. SUMMER, Lisa. *Guided Imagery and Music in the Institutional Setting*. 2nd Edition. St. Louis: MMB Horizon Series, 1990.

VIANNA, Martha Negreiros de Sampaio et al. *Musicoterapia e Pré-eclâmpsia: uma intervenção possível?* XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia em Olinda, em outubro de 2012.

VIANNA, Martha Negreiros de Sampaio; BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Musicoterapia e Pré-eclâmpsia: uma intervenção possível?* Trabalho apresentado no XV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia; XV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia; I Seminário Estadual de Musicoterapia. Rio de Janeiro, outubro de 2015.